

PSICOLOGIA SOCIAL COMUNITÁRIA:

Fios e Tecituras da Feira de Artesanato e Alimentos do Bairro Cidade de Deus

Alice Marques Sales*

Fernando Cotta Trópia Dias**

Resumo: O presente artigo apresenta uma pesquisa embasada nos pressupostos da *Psicologia Social Comunitária* a partir da análise da *Feira de Artesanato e Alimentos do Bairro Cidade de Deus*, nas suas tentativas de desenvolvimento, articulação e implementação de um empreendimento comunitário. Levando em consideração a racionalidade do mundo do trabalho capitalista, em suas incessantes incongruências, buscou-se sistematizar a dinâmica e a vivência das interações do grupo de feirantes frente a lógica do associativismo e cooperativismo, elementos basais para uma iniciativa solidária, na busca por melhores condições de renda e autonomia desta comunidade. Como método de coleta de dados utilizou-se à Pesquisa-Ação, a partir do olhar da estagiária-pesquisadora. Pôde-se observar através destas análises, os empecilhos atrelados ao processo da auto-organização e autogestão grupal, em face dos movimentos de construção da identidade coletiva desses atores e de resistência frente às relações conflitantes impostas socialmente na luta por melhores condições de vida.

Palavras-chave: Psicologia Social Comunitária; Associativismo; Cooperativismo; Empreendimento Solidário.

Abstract: This article presents a research based on the presuppositions of Community Social Psychology based on the analysis of the City of God neighborhood's Handicraft and Food Fair, in its attempts to develop, articulate and implement a community enterprise. Considering the rationality of the world of capitalist labor, in its incessant incoherencies, it was sought to systematize the dynamics and the experience of the interactions within of workers facing the logic of associativism and cooperativism, which are basic elements for a solidary enterprise, in the pursuit of an improvement on their overall earnings and also the autonomy of their community. As a method of data collection, an Action-Research was used, coming from the perspective of a trainee-researcher. Through these analyzes it was possible to observe the obstacles in the group's process of self-organization and self-management, while trying to achieve greater freedom, collective identity and also their resistance while facing conflictive situations, socially imposed, on their struggle for better life conditions.

Key words: Community Social Psychology, associativism, cooperativism, solidary enterprise.

*Discente do Curso de Bacharel em Psicologia pela Faculdade Ciências da Vida.

E-mail: alicemarquespsi@yahoo.com.br

**Bacharel em Psicologia, Mestre em Psicologia, docente da Faculdade Ciências da Vida.

E-mail: ftropiadias@yahoo.com.br

1 INTRODUÇÃO

A *Feira de Artesanatos e Alimentos do Bairro Cidade de Deus* (FAACDD) surgiu por meio dos interesses dos moradores do bairro Cidade de Deus em Sete Lagoas-MG, representados pela *Associação Comunitária do Bairro Cidade de Deus* (ASCOMCIDE), que lutou junto aos intermédios políticos para a efetivação desta possibilidade de trabalho comunitário. A proposta desta feira se apoia na orientação de um empreendimento solidário, compreendida como uma organização popular pautada nos princípios do associativismo, cooperativismo e autogestão, articulados para a promoção de maiores oportunidades de ampliação de renda no mercado de trabalho via proposta de uma ação coletiva.

Os aportes teórico-metodológicos centrais que orientam esta pesquisa, partem das proposições da *Psicologia Social Comunitária*, através, primordialmente, das perspectivas de Prado (2002), Campos (2007), Guareshi (2005; 2007) e Freitas (2007), os quais realçam as demarcações de como a dinâmica de trabalho no capitalismo marca o acirramento na luta por melhores condições de vida das camadas populares, o que reverbera nas determinações da estrutura social, indicando a necessidade de uma afinidade na busca por uma ampliação da consciência crítica dos indivíduos em prol da transformação da realidade social, em suas especificidades sócio históricas (FIEDLER, 2009).

Dentro assim, dos impasses da organização social do trabalho, ergueu-se, portanto, a necessidade de analisar a dinâmica grupal da *Feira de Artesanato de Alimentos do Bairro Cidade de Deus*, numa perspectiva de luta pelos interesses em comum. A proposição aqui presente, visou investigar o potencial dos empreendimentos solidários como possibilidades emancipatórias nas sistematizações da dialética das relações de poder *versus* autonomia, analisando para isso as mediações intersubjetivas e os papéis sociais dos membros pertencentes a esse movimento, dados os atravessamentos conflitantes na construção de um projeto comunitário, em que se realçam conflitos e tensões próprias da convivência cotidiana.

A psicologia como ciência e profissão, carregada de responsabilidades na transformação social, necessita de um corpo denso de estudos e análises para ampliar os conhecimentos de alguns discursos midiáticos e ideológicos, que dominam as subjetividades e manipulam as paixões e os sentidos democráticos, reduzidos pelo interesse do capital (RAMOS e CARALHO, 2009).

O Psicólogo deve ter uma noção mais exata sobre o impacto que essas determinações históricas causam à sociedade, e ainda, investigar as novas práxis em contextos comunitários como meios que ofereçam melhores condições de sobrevivência e resistência, com o potencial de elaboração do existente a partir de um viés político de reflexão.

Para que a psicologia não cometa equívocos quanto a complexidade do seu objeto de estudo, compreendendo os desafios atuais desta ciência, tem-se que a Psicologia Social atuou por muito tempo em uma falsa neutralidade, tornando-se necessária uma crise dentro de seu próprio domínio a fim de que se repensassem conceitos e concepções, para uma atualização em objetivos de transformação social, fortemente marcados pelas bases marxistas (MENEZES, 2012).

Nesse interim, a *Psicologia Social Comunitária* se constituiu enquanto busca de possíveis práticas de enfrentar o mundo atual do trabalho, utilizando-se dos alicerces do associativismo e cooperativismo, vistos como possibilidades emancipatórias numa perspectiva de luta pelos interesses em comum (VERONESE; GUARESHI, 2005). Salienta-se que a inserção neste grupo enquanto estagiária se deu através do *Programa de Sustentabilidade Próximo Passo*, que atua no desenvolvimento territorial da região, na qual, uma de suas formas de atuação é o incentivo ao empreendedorismo local. Por esse fato, buscou-se potencializar a atuação dos integrantes da *Feira* na formulação de uma proposta de trabalho cooperado, enfocando os reflexos históricos e sociais na constituição dinâmica de articulação dos seus participantes e no sentimento pertença social e identidade grupal.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Numa sociedade baseada na dominação e no poder, é preciso investigar para onde a ciência caminha e no que ela contribui para enfrentar a desigualdade social. Com isso, para que a psicologia possa ampliar a sua atuação no desenvolvimento social, antes, é preciso conhecer a realidade social existente, para que, dessa forma, possa tentar transformá-la (GUARESHI, 2005). É nessa conjuntura de análise que Crochík (1998), diz da importância de estudar a subjetividade e identificar nela as marcas da sociedade. Para ele, a lógica estabelecida na cultura tem relação direta com a formação subjetiva advinda do mal-estar social, em que os comportamentos trazem elementos de fenômenos irracionais produzidos em massa. O mesmo autor, ainda diz que a subjetividade surge a partir da internalização da cultura e ela é meio para o processo de *individação* (autonomia), no que tange nestes termos as possibilidades materiais

já consolidadas na civilização para o acesso à maiores iniciativas políticas para uma melhor qualidade de vida.

Além disso, é preciso repensar as mudanças da sociedade moderna, caracterizada pelas clássicas transformações do capitalismo, na qual a sociedade foi impactada pela revolução industrial, tanto em sua construção social, quanto no sujeito moderno, e que foram marcados por valores arraigados na referência da mais exploração pelo trabalho. O século XX foi profundamente notado pela transição de uma sociedade de produção para uma sociedade do consumo. Isso impactou na fragmentação da vida humana e no aumento do processo de individualização, a qual tem papel central na sociedade atual e contempla valores instáveis e efêmeros (AQUINO; MARTINS 2007).

Em linhas gerais, a passagem da sociedade de produção para a sociedade de consumo ficou caracterizada pelos processos sociais de massificação, submetidas as esferas objetivas de dominação e poder, que, de acordo com Mogendorff (2012), na passagem do século XIX para o XX, marcou a mudança nas estruturas socioeconômicas, que deram origem a um processo de massificação das relações econômicas na vida social e no processo de construção social de sentidos.

Sob esse prisma, Adorno (1969), ao atentar para o conceito de *Progresso*, que muitas das vezes é relacionado aos avanços do capitalismo, revela que tal entendimento carrega uma equívoca compreensão. A grosso modo, *progresso* leva consigo a ideia esperançosa de que a sociedade vai sempre melhorar e que o trabalho é a única forma de alcançar a riqueza social. Adorno (1969, p. 223) ilustra essa compreensão mencionada a partir do entendimento então antagônico do *progresso*, numa dinâmica que aparentemente permanece imóvel, na qual, progresso é uma “submissão da dominação da natureza à própria natureza, enfim, o seu envolvimento no reino da servidão”.

Sob esse mesmo conceito, Bauman (2003) também discorre sobre o conceito *progresso* e o compreende como avanços transitórios e superficiais que trazem alívios momentâneos à sociedade. O progresso é movido por humanos que já estão marcados pelos prejuízos e desgostos em sua condição, mas que não é a busca de enfrentamento para melhorias, mas sim, a esquiva dos desgostos e destruições do passado. Ainda assim, o autor compreende que o capitalismo moderno traz a tendência de uma rotinização do trabalho projetada artificialmente

e coercitivamente numa nova estrutura de poder, na tentativa de trazer uma compreensão de comunidade artificial.

Visto isto, a crítica ao mundo do trabalho articulado com a noção de progresso social, abarca uma ideia falsamente emancipatória, que pode levar a um aprisionamento dos sujeitos, produzindo um modo de viver assujeitado (alienado), manipulado. E nesse sentido, à luz do contexto da sociedade pós-moderna, para melhor compreender os desafios atuais da psicologia como ciência e profissão no seu fazer de transformação social, impulsionando o fazer científico voltado para as minorias, é que surge a *Psicologia Social Comunitária*, numa concepção mais coletivista, compromissada com os valores democráticos que abraçam as referências teórico-metodológicas inspiradas no marxismo, dadas as reflexões sob a exploração nas formas de trabalho (PRADO, 2002).

Entretanto, por muito tempo a psicologia se ausentou de discussões políticas, econômicas e estruturais do trabalho, contribuindo para uma falsa neutralidade da ciência psicológica para as predominâncias do servilismo, da aceitação dos objetivos do lucro, da dominação, por uma classe favorecida de privilégios que pode ter ocasionado condições de existência precárias para as minorias (NEUPOMUCENO *et al.*, 2005). Em meados do século XX, a *Psicologia Social Comunitária* no Brasil e na América Latina atuou em adaptações de famílias em moradias, inclusão social e trabalhistas, e de convivência urbana, sob um ponto de vista assistencialista na investida de redução de manifestações, movimentos sociais e reivindicações trabalhistas, contribuindo com um falso apaziguamento do que deveria ser combatido pela ciência psicológica (FREITAS, 2014).

O progresso da *Psicologia Social Comunitária* no Brasil, surgiu quando esta passou a perceber dicotomia existente entre pobreza e riqueza, identificando as realidades dos excluídos sociais, num enfoque sócio-político, notando a importância de fatores histórico-sociais (GÓIS, 2014). Dessa maneira, trouxe um olhar de mais complexidade para o objeto de estudo da psicologia, reduzindo as chances de cometer equívocos já feitos. Presentemente, a *Psicologia Social Comunitária* atua na denominada *Comunidade*, que é definida por Bauman (2003) como um lugar onde os membros pertencentes a ela possuem uma relação de fidelidade. É o local onde a liberdade e segurança são valores equilibrados. Contudo, mesmo sendo uma imaginação um tanto quanto utópica do autor, esta noção traz para a ciência *psi* indicativos de práxis para uma luta contra os erros e barbáries sociais vivenciados.

Esse eixo da Psicologia Social busca promover o desenvolvimento autossustentável da comunidade, compreendendo como um potencial local, para que dessa forma, aumente a capacidade dos indivíduos e da comunidade de se tornarem mais autônomos, com propostas de ações locais para as investidas em conscientização crítica e participação ativa da comunidade na condução da sua própria história, transformando os indivíduos em sujeitos (FREITAS, 2014). A Psicologia Comunitária enfatiza assim a transformação da realidade vivida, a efetivação dos direitos fundamentais, a qualidade de vida, consciência crítica e a ética da solidariedade nas práticas de soluções de problemas enfrentados na comunidade em suas especificidades. Coloca-se em cheque toda forma de opressão e dominação, incentivando a construção de soluções próprias e possibilidades de ação política na luta pela cidadania plena (CAMPOS, 2007).

No Brasil, em meados dos anos 1990, um grande movimento popular fez aumentar energeticamente os empreendimentos em economia solidária na busca de acesso aos bens mais primários para a sobrevivência e de desenvolvimento de uma forma mais justa de trabalho, devido à falência de várias empresas (VERONESE; GUARESHI, 2005). Vistos como possibilidades emancipatórias para a luta contra a lógica predominante de trabalho, numa perspectiva de luta pelos interesses em comum, a *Psicologia Social Comunitária* buscou práticas de enfrentar o mundo atual do trabalho com o próprio trabalho, porém, utilizando-se dos alicerces do *associativismo* e *cooperativismo* como meio de superação para um convívio social mais legítimo. O primeiro conceito se designa a união de pessoas para os esforços organizados de interesses coletivos e autossustentáveis, enquanto o último, por sua vez e em íntima interconexão, trata a ação dos associados de forma a colaborar com o desenvolvimento econômico e a distribuição de riqueza.

Para melhor conceituar os empreendimentos solidários o economista Paul Singer (2008), a definiu como “*o inverso da relação que prevalece em empreendimentos heterogestionários, em que os que desempenham funções responsáveis têm autoridade sobre os outros*”, levando a compreender que a qualidade central é o modo de produção caracterizado pela igualdade de direitos, de forma democrática e autogestionária. Valoriza-se, pois, as contribuições de outros saberes científicos, como os da Administração, Economia, Sociologia, dentre outros, contemplando assim e por fim, a ideia de maior interdisciplinaridade entre as ciências, em seus compromissos éticos e políticos para vencer os graves problemas sociais advindos da estrutura social (NEUPOMUCENO *et al.*, 2005).

3 MÉTODO

A presente pesquisa buscou compreender as convenções e recursos utilizados pelos pequenos empreendedores que farão parte da “Feira de Artesanatos e Alimentos do Cidade de Deus” sob uma proposta de trabalho iluminada pelos princípios do associativismo e cooperativismo que sustentam uma nova forma de trabalho. Para isso, será utilizado uma perspectiva social crítica da *Psicologia Social Comunitária* que entende as relações de dominação, poder e desigualdades sociais, atentando na busca das causalidades dos fatos com ênfase na transformação social (ALVES-MAZZOTTI, 2006).

Ademais, a pesquisa apresentará finalidade qualitativa, que segundo Gerhardt e Silveira (2009) contribui para o aprofundamento de um determinado estudo e de seu desenvolvimento em produção de novos conhecimentos que buscam compreender as tensões dos fenômenos. Terá caráter descritivo, que por sua vez, contribuirá para a apresentação detalhada de características do grupo de feirantes, auxiliando na clareza das informações no que diz respeito ao conhecimento construído e analisando a dinâmica do projeto. Quanto aos meios, este projeto utilizará a abrangência de uma *Pesquisa-Ação*, que consiste, sob a perspectiva de Santos, Costa e Trevisan (2004) e Campos (2007), numa forma de inserção colaborativa e de envolvimento do pesquisador junto ao objeto investigado, ocasionando a aprendizagem mútua, recomendada como uma das formas metodológicas de inserção da *Psicologia Comunitária*

O presente trabalho tem como foco os membros da Associação de Feirantes em suas vivências, tecituras e amarrações feitas sob a perspectiva do trabalho em empreendimentos solidários junto a luta para a efetivação da FAACDD. O olhar do pesquisador parte de uma estagiária de psicologia vinculada a *Organização Não Governamental* chamada *Cooperação para o Desenvolvimento e Morada Humana (CDM)*, a qual faz a gestão do *Programa Próximo Passo*, um programa de sustentabilidade e responsabilidade social da empresa *IVECO*. O Programa atua no bairro *Cidade de Deus*, na cidade de Sete Lagoas-MG, a fim de promover o desenvolvimento territorial por intermédio de incentivo aos empreendimentos locais, fortalecimento da Rede Socioassistencial, diálogo qualificado com a comunidade e desenvolvimento humano.

A pesquisa utilizará do viés da *Pesquisa-Ação*, levando em consideração que seu papel inicial é o de acompanhamento desse grupo, com o intuito de desenvolver e investigar, conjuntamente aos demais membros, a autonomia dos integrantes, mobilização dos feirantes, mediação de

conflitos e desenvolvimento da autogestão da associação enquanto coparticipante facilitadora. Este modo de pesquisa, minimizará a distância do objeto observado, numa possibilidade de causar mudanças no grupo, e promover uma relação de aprendizagem mútua (EFFGEN; JESUS; VIEIRA, 2014).

Para a coleta de dados, utilizou-se de *observação participante* nos encontros em *Assembleias Gerais*, reuniões destinadas para o processo de fundação da *Associação dos Feirantes de Artesanato e Alimentos do Cidade de Deus*, além das reuniões da Diretoria, análise documental (fotos, diário campo), além da coordenação e observação de experiência em uma atividade de *Oficina em Dinâmica de Grupo*. Esta última foi estabelecida pela pesquisadora para analisar comportamentos espontâneos que possam ser refletidos e transpostos para elaboração nas nuances e sentidos da cooperação e da comunicação do grupo de feirantes em suas diversificadas atividades.

Como procedimentos metodológicos para a coleta de dados a *observação participante*, no entendimento dos autores Santos; Costa e Trevisan (2004), é compreendida pela inserção do pesquisador no objeto estudado. Pressupõe a aproximação com o grupo, a observação crítica dos dados obtidos. Segundo os autores, esta técnica permite detectar conflitos e possibilidades de intervenções para provocar possíveis transformações.

A proposta de intervenção em contexto comunitário, estabelecida pela estagiária-pesquisadora consistiu numa *Oficina em Dinâmica de Grupo*. Na oficina, participaram cinco membros da *Associação de Feirantes* identificados como S1, S2, S3, S4 e S5, numa proposta inspirada nos princípios do associativismo e cooperativismo, cuja proposta era alcançar um desafio comum a todos os participantes, a fim de que os feirantes desenvolvessem estratégias de colaboração e solidariedade para que, dessa forma, realizassem um desafio proposto para iniciar pontos de debate.

Ficou evidenciado que a participação da estagiária seria a de oportunizar um espaço para construir um saber em conjunto interativo para a vazão de sentidos e a busca de soluções para as dificuldades encontradas nessa empreitada. A *interação*, segundo Menezes (2012), consiste num agir de forma a construir um trabalho coparticipativo, dando aos grupos populares à autoria e autonomia de seus próprios trabalhos, sem diferenciação de conhecimento científico e senso comum. Dessa forma, a *Psicologia Social Comunitária* se insere em contextos comunitários

para investigar novos modos de interpretação da realidade, a qual nos lança a uma desordem e complexidade a ser compreendida e construída coletivamente.

Procurou-se, portanto, realizar um trabalho que incluísse a técnica de Oficina em Dinâmica Grupal oferecendo suporte como metodologia para promover, junto ao grupo, facilitação para exercer os seus pontos fortes e identificação dos problemas, dificuldades e anseios (SILVA; PAIVA e MIRANDA, 2004). Para sistematizar a análise dos dados estas foram sistematizadas em *categorias temáticas* articuladas com a proposta do referencial teórico aqui utilizado. As categorias em relevo postas em análise pós-realização da oficina em dinâmica de grupo foram: *Encontros e Contradições do Trabalho Associativo e Cooperado; Movimentos de Autonomia; Religiosidade* e, por fim, *Percepção do Grupo sobre a Inserção da Estagiária Pesquisadora*.

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Encontros e Contradições do Trabalho Associado e Cooperado

O grupo investigado compartilha entre eles aspectos de favorecimento da cooperação, vistos e percebidos como recursos próprios, indicando que o trabalho cooperado conseguiu se instalar em alguns momentos, levando a entender que os agentes percorreram um caminho de forma parecida dentro do grupo. Nas observações participantes, viu-se a atuação dos feirantes adotando, por vezes, práticas de senso de justiça e solidariedade, tomadas de decisões que privilegiam as necessidades de todos os associados. Tal fato, pode ser evidenciado nas seguintes falas, obtidas tanto na *Oficina de Cooperação*, quanto nas Assembleias Gerais:

Nós não podemos ficar cometendo o mesmo erro, temos que parar e pensar numa estratégia antes de agir (S1); Vamos escutar a sugestão da S5 (S1); Esta brincadeira é como se fosse a feira, temos que trabalhar juntos, tem que ser um ajudando o outro, senão vai dar tudo errado (S5). Feirantes, nós estamos nos tornando uma família, então, vamos ajudar uns aos outros, divulgando promoções de produtos que vamos utilizar na nossa feira, dando sugestões de melhorias para o nosso colega do lado, repassando informações aprendidas nos cursos que fizemos, para que possamos minimizar os erros possíveis de acontecer (S2)

Para os autores Coutinho; Guareshi; Lückmann; Picinin e Veronese (2005) as formas de trabalho cooperado se instalam a partir do desenvolvimento de ações conjuntas, senso de justiça e moral às pessoas na luta pelos interesses em comum. Porém, foi possível elaborar, através de observação participante e fala dos membros pertencentes ao grupo gestor, atuações contraditórias à proposta de trabalho cooperado. O autor Guareshi (2007), evidencia que as

tarefas de analisar as relações aqui imbricadas, requerem muito esforço e observação, pois, as reais intensões de um grupo manifestam-se de maneira muitas vezes complexa e disfarçada. Isso, pode ser salientado a partir de alguns conflitos de interesses, muitas vezes não intermediadas por diálogos, mas vivenciadas por embates de ideias, interesses difusos que pareciam ser particulares, falta de comunicação dos membros, desistência de participantes do grupo gestor, sensações de desmotivação e descrença com a possível efetivação da feira. Estas questões estavam diretamente interligadas com a luta constante do grupo na busca pelo que era ideal, com o que se apresentava na realidade.

Além desses fatos, os conflitos existentes entre os membros foram explicitados verbalmente algumas vezes nas reuniões da gestão da feira, e por isso, buscou-se compreender os reais motivos que fizeram os integrantes serem tão resistentes à constituição da *Associação*, proporcionando um espaço para compartilhar sentidos e significados que sustentam o conflito. Tentando corresponder ao que foi dito anteriormente, buscou-se, junto ao grupo, conferenciar quanto aos critérios de justiça que utilizam para suas escolhas e ações, quais os princípios que operam para tomar suas decisões.

Sobre esse aspecto, existe um véu ideológico em que os indivíduos acreditam ser autônomos, livres de suas decisões, donos de uma suposta racionalidade e potência em relação à suas vidas, fazendo, dessa forma, obscurecer a origem daquilo que os constitui (FILHO, 2007). Segundo Crochík, (1998), a não distinção da cultura e sujeito, faz com que o sofrimento existente seja negado pelo indivíduo, distanciando da realidade existente. A consequência dessa visão, faz com que o indivíduo reproduza as marcas culturais que o constitui e retrata a violência que lhe foi empregada. E por esse fato, fica evidente a importância do desenvolvimento da consciência dos líderes e participantes de movimentos das classes comunitárias para a tomada de consciência dos impactos da estrutura social predominante sob a proposta de se fazer sobreviver um empreendimento solidário.

Movimento de Autonomia

Sobre a efetivação da *Feira*, iniciou-se a preparação para a inauguração, encontros destinados para a divisão de tarefas e articulações de doações para a organização do primeiro dia de feira. Após dia agendado, banda de música contratada e suporte de mesas, cadeiras, equipamento de som, palco, entre outras estruturas programadas, os integrantes foram impedidos de inaugurar devido à má situação financeira da administração pública, que é a responsável pela organização

e suporte das feiras livres. Estes não puderam garantir com o prometido, que era a instalação de água e padrão de energia, desenvolvimento de projeto arquitetônico das disposições das barracas e os banheiros químicos. Os gestores relataram estar desesperançosos com a feira, “está virando uma lenda no bairro, ninguém acredita mais”.

Incomodados em não inaugurar na data prevista, refletidos pelos problemas e expectativas diárias da comunidade, os membros sentiram a necessidade de inaugurar as atividades rapidamente a fim de responder a um aguardo e expectativa da comunidade. Porém, com a troca da gestão municipal no início do ano, e informados que as prioridades municipais não destinavam nenhum recurso para os investimentos na feira, o grupo se mobilizou na busca de soluções sem as dependências da administração pública. Como pretensão, a saída seria fazer um movimento de potencializar o crescente processo de consciência para o incentivo de práticas de auto sustentabilidade e autogestão, que de acordo com Campos (2007), são arcabouços para as ações em contextos comunitários, na tentativa de fazê-los sentir responsáveis na resolução de dificuldades encontradas, incentivando a participação ativa na busca de soluções emancipadas. Com isso, a presidente sugeriu fazer uma cavalgada beneficente para promover fundos lucrativos para as compras necessárias para a efetivação da feira.

Os gestores levaram para a Assembleia Geral seus anseios e dificuldades, e apresentaram a proposta da divisão do valor do padrão de energia para todos os feirantes. E sob a aprovação da maioria, ficou estabelecido que os feirantes comprariam o padrão e o evento da cavalgada ficaria destinado para a construção do banheiro físico. Esse evento sinaliza um projeto autêntico, construído por meio de soluções próprias, na tentativa de sobrevivência a uma crise. A psicologia comunitária evidencia aqui, as práticas autogestionárias, como ações de autonomia que são libertadoras para a apropriação do exercício da cidadania. Conferem aos sujeitos brechas de autonomia para estabelecerem formas adequadas para a melhoria da qualidade de vida (CAMPOS, 2007).

A AFAACDD articulou-se assim com uma empresa lotada na região, para fazer a revenda de seus produtos com a finalidade de conseguirem arrecadar alguns fundos para os gastos da associação. Iniciaram articulações com iniciativas privadas e com vereadores da região para o auxílio do evento proposto em assembleia geral e apresentaram movimentos solidários nas divisões de tarefas. Segundo Baquero (2012), *empoderaram-se*, utilizaram de recursos de enfrentamento à subordinação do poder público para trilharem caminhos próprios, permitiram-

se *ter voz* sobre o poder e tomadas de decisões. Iniciaram assim articulações com iniciativas privadas e com vereadores da região para o auxílio do evento proposto em assembleia geral.

Feito isso, promoveram a *1ª Cavalgada Benéfica da Feirinha do Cidade de Deus* com a ajuda de muitos feirantes, porém, é possível perceber um grupo muito engajado nas ações, e uma outra parte pouco participativa. Sobretudo, arrecadaram um valor significativo, impactando novamente nas expectativas de uma inauguração breve, retomando contato com o órgão regulamentador das feiras livres para solicitar os encaminhamentos para a inauguração.

Percebendo algumas dificuldades de auto-gestão, foi articulado e ofertado para os feirantes capacitações em empreendedorismo; participação e desenvolvimento comunitário; boas práticas no manuseio em alimentos, e para a gestão, ofereceu-se capacitação em controladoria e tesouraria, e o estudo das funções dos cargos da associação. Conceberam a doação do serviço contábil, no que se refere as questões receiptuárias da associação. O contato com os treinamentos evidenciaram a importância de acompanhamento para a criação, desenvolvimento e manutenção da associação. O apoio externo foi fundamental para a sobrevivência deste grupo.

Morin (2003) fala que os seres humanos, os grupos e sociedade, por mais que estejam em relação diária com a dualidade ordem e desordem, a humanidade sempre apresenta características auto-organizadoras, como a natureza e todos seus sistemas. Portanto, nas atuações em contextos comunitários, os processos de pesquisa e intervenções se estabelecem por meio de interações que possibilitam abertura para os processos criativos e soluções de seus conflitos. A perspectiva é inserir neste contexto sem ocupar um lugar privilegiado, porém, fazendo parte da realidade vivida e construindo conjuntamente com a presença e experiência do outro (MENEZES, 2012). Os autores Eirado e Passos (2004) referem-se a esse processo criativo como um movimento de *autonomia*, em que um grupo se equipa para enfrentar os problemas de forma a negar as instruções prontas e desenvolver a construção de soluções e regras que lhes são próprias.

Religiosidade

Sob a mesma lógica da categoria descrita acima, os autores Guattari e Rolnik (2005) problematizam a religião e o papel da igreja em suas barreiras e possibilidades de atuação no enfrentamento societário. E sob o ponto de vista dos mesmos, os fenômenos religiosos, sob uma ótica das especificidades culturais, são de extrema potencialidade como instrumento na luta social, quando vinculados ao incentivo por melhorias bem circunscritas pelo grupo. E foi o que

se observou no grupo gestor e nos encontros com os feirantes. Os relatos de uma participante sempre trazia reflexões religiosas como forma de metáforas para as vivências do grupo.

Quando a presidente falar, todos temos que ouvir; as vezes precisamos ficar calados: aprendi na bíblia que o silêncio é um ato de sabedoria. Temos que ter postura dos grandes; até no inferno existe hierarquia. Vocês conhecem a metáfora da águia? Temos que buscar forças na visão de águia para agirmos de forma estratégica. (S5)

A religiosidade se apresentou ao grupo como um movimento autoral de experiências individuais religiosas que foram compartilhadas e aderidas pelo grupo de feirantes. A participante trouxe essas contribuições referindo-se a bíblia como um livro orientador das relações humanas, fazendo relatos de histórias que se contextualizavam e correlacionavam com os conflitos vivenciados pelo grupo. Ademais, as orações também pareceram ser um recurso utilizado na tentativa de estruturar e organizar as reuniões. Estas contribuições se inseriam sempre que o grupo manifestava dificuldades de prosseguir nas tomadas de decisão.

Porém, as reuniões mantiveram desorganizadas, conflitivas e desprazerosas para os participantes. Por isso, foi sugerido aos gestores construir pautas para nortear os assuntos a serem discutidos e juntos, estudarem os documentos da *Associação* para melhor se organizarem nas atribuições dos cargos exercidos dentro da gestão. Esta ação partiu da compreensão dos aportes teóricos da inserção do psicólogo nas comunidades na *identificação de necessidades* e problemáticas vividas (FREITAS, 1998).

Portanto, a religiosidade emerge ao grupo, como um compartilhamento pela fé, tal como observado preponderantemente iniciando as reuniões do grupo gestor e nas assembleias gerais, como um marco identitário, constituído em suas raízes históricas e sociais. Este fato dá margem para sistematizar a organização das reuniões e estabelecer preceitos morais de uma *identidade coletiva*, compreendida pela adesão de valores no processo de construção da identidade do grupo, através de manifestações histórico-culturais utilizadas para manter a sustentabilidade do grupo (POLLAK, 1992).

Percepção do grupo sobre o papel da estagiária-pesquisadora

Diante da atividade da *Oficina em dinâmica de grupo*, estabeleceu-se duas perguntas em dado momento, a fim de se investigar se existia ou não um incômodo sobre o papel da estagiária no acompanhamento do grupo. Todas as dúvidas, dificuldades e problemas encontrados pelo grupo eram depositadas nas expectativas de que a estagiária pudesse trazer soluções. Todavia, ficou

evidenciado que a participação da estagiária seria de oportunizar um espaço para construir um saber em conjunto para a busca de soluções conjuntas para as dificuldades encontradas no trabalho cooperado. Após feito os questionamentos, obteve-se, a princípio as seguintes falas:

A gente funciona muito bem com você. As reuniões ficam mais produtivas e tranquilas, disse S1. Só temos a te agradecer, você nos ajudou muito, não sei se teríamos conseguido levar essa ideia a frente sem o seu acompanhamento, disse S4. Eu só vi coisas positivas S1.

Contudo, nas proximidades dos últimos encontros, a estagiária-pesquisadora percebeu alguns conflitos referentes a sua participação nas reuniões do grupo. Por esse fato, foram questionados se existia algum dificultador na inserção da estagiária pesquisadora junto à *Diretoria* da feira. E então, obteve-se as seguintes afirmações:

Eu não tive nenhum problema com a sua participação, apenas percebi que as pessoas te escutam melhor, quando eu falo alguma coisa, ninguém demonstra importância, mas quando você fala, todo mundo acha suas ideias boas, disse S2. Achemos que a IVECO poderia ter pedido você para manipular as reuniões para a feira não acontecer, disse S5.

Após exposto isso, o restante dos membros do grupo emitiram comportamentos e expressões de discordância de sua fala. A participante relatou: *nunca pensei nisso!*, completando sua fala dizendo que só tinha visto contribuições positivas do acompanhamento ao grupo. Observou-se que depois de apresentado as dificuldades, o grupo se movimentou na tentativa de velar o que foi dito, aparentemente. Nesse sentido, buscou-se destacar a importância de expor ao grupo as reais impressões, não apenas da estagiária, mas também quanto *ao que* os integrantes atribuíam e construíam em seus ideais.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho buscou lançar luz ao contexto comunitário e ao empreendimento solidário para melhor compreender os sentidos de um grupo de feirantes na experiência de gerir uma proposta de *Associação*. Com esse estudo, e a partir dos aportes teóricos utilizados, ficou evidente a necessidade de inserção nos contextos comunitários por intermédio da atuação da psicologia em seu potencial de transformação social e desenvolvimento da consciência crítica dos indivíduos, os impulsionando a facilitar a busca de construção e ressignificação de sua identidade enquanto atores sociais.

O trabalho cooperado, perante a experiência investigada, muitas vezes se mostrou desprovido de sentido, dados os valores macrossociais que são atravessados por uma norma predominante

de opressão, exercidos pelos mecanismos de massificação do mundo do trabalho e dos modos de subjetivação. A atuação do psicólogo não se reduziu nas resoluções e mediações de conflitos. O desafio, enquanto estagiária e pesquisadora em psicologia, foi inseri-los num projeto coletivo sem que se mutilasse os interesses individuais, ao menos enquanto meta, principalmente por se tratar de uma investida em um empreendimento de trabalho não tradicional. Dar abertura para estratégias autênticas e autônomas para que o grupo pudesse desenvolver em sua comunidade a produção autônoma de atividades a partir das demandas dela advindas, ainda que com todas as impossibilidades e dificuldades para sua plena efetivação.

Com a utilização de metodologia da *Pesquisa-Ação*, investigou-se as necessidades e carências que são próprias desse contexto, para compreender a complexidade dos fenômenos vividos e seus recursos construídos, nas diversas saídas possíveis para as resoluções de problemas. Diante disso, foi possível apreender a realidade vivida do grupo de feirantes frente a uma proposta de empreendimento solidário, seus desafios e atravessamentos no exercício do trabalho cotidiano.

Sobre a presente pesquisa, reflete-se a contribuição da *Psicologia Social Comunitária*, oferecendo brechas possíveis no fazer da ciência *psi* através do seu potencial de transformação social, não se isentando de disponibilizar condições de resistência para o desenvolvimento de uma maior autoconsciência e incentivo a autonomia e desenvolvimento de trabalhos autogestacionários. Considera-se, sobretudo, a necessidade de se realizar futuros trabalhos que possibilitem a ampliação da amostra estudada em contextos outros, estendendo-se as discussões da luta por direitos sociais e da emancipação para uma cidadania capaz de atravessar as pretensões teóricas restritas e alimentadas nos muros das instituições de ensino, viabilizando assim uma práxis social mais política e democrática.

6 REFERÊNCIAS

ADORNO, T.W. *Progresso*, 1969. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ln/n27/a11n27.pdf> Acessado em: 19 de novembro de 2016.

ALVES-MAZZOTTI, A. J. *Uso e abusos dos estudos de caso*, 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/cp/v36n129/a0736129.pdf> Acessado em: 04 de novembro de 2016.

AQUINO, C. A. B; MARTINS, J. C. O. *Ócio, lazer e tempo livre na sociedade do consumo e do trabalho*, 2007. Disponível em: http://hp.unifor.br/pdfs_notitia/1851.pdf Acessado em: 30 de outubro de 2016.

BAQUEIRO, R. V. G. Empoderamento: Instrumento de emancipação social?- Uma discussão conceitual. Disponível em: <http://www.seer.ufrgs.br/debates/article/viewFile/26722/17099> Acessado em: 01 de junho de 2017.

BAUMAN, Z. *Comunidade: a busca por segurança no mundo atual*. Ed. 2003. Jorge Zahar Editor: *Rio de Janeiro*. 1925.

CAMPOS, R. H. F. *Psicologia Social Comunitária: Da Solidariedade à autonomia*. 2007. Editora Vozes. 13ª Ed. Petrópolis, RJ.

CROCHIK, J. L. *Os desafios atuais do estudo da subjetividade na psicologia*. *Psicol. USP*, 1998, vol.9, no.2, p.69-85. ISSN 0103-6564.

FIEDLER, R. C. P. *Fundamentos metodológicos para análise de projetos sociais a partir da ótica da psicologia social comunitária e de pesquisa participante*. In: XV Encontro Nacional Abrapso, 2009, Maceio. Anais do XV Encontro Nacional da ABRAPSO. Maceio, 2009. V.1. p. 40-41.

FREITAS, M. F. Q. *Processos organizativos, comunidades e práticas sociais: intervenção psicossocial e compromisso: desafios às políticas públicas*, 2012. Disponível em: <http://books.scielo.org/id/vfgfh/pdf/jaco-9788579820601-24.pdf> Acessado em 19 de março de 2017.

FREITAS, M. F. *Psicologia na Comunidade, Psicologia da Comunidade e (social) Comunitária: Práticas da psicologia em comunidades nas décadas de 60 a 90 no Brasil*. 2007. Disponível em: <https://pt.scribd.com/doc/260232238/Regina-H-F-Campos-Org-Psicologia-Social-Comunitaria-Da-Solidariedade-Autonomia> Acessado em: 02 de junho de 2017.

GERHARDT, T. E.; SILVEIRA, D. T. *Métodos de pesquisa*, 2009. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/cursopgdr/downloadsSerie/derad005.pdf> Acessado em: 16 de outubro de 2016.

GÓIS, C. W. L. *Psicologia comunitária*. Disponível em: <https://www.publicacoesacademicas.uniceub.br/cienciasaude/article/viewFile/511/332> Acessado em: 19 de março de 2017.

GUARESCHI, P.A. *Relações comunitárias, relações de dominação*. In: CAMPOS, R.H.F (Org.), *Psicologia Social Comunitária*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007, p. 81-99.

GUATTARI, F.; ROLNIK, S. *Micropolítica: cartografias do desejo*. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2005.

MOGENDORFF, J. R. *A Escola de Frankfurt e seu legado*, 2012. Disponível em: <http://portal.sipeb.com.br/santana/files/2011/03/Escola-de-Frankfurt.pdf> Acessado em: 29 de março de 2016.

NEUPOMUCENO, L. B.; XIMENES, V. M.; CIDADE, E. C.; MENDONÇA, F. W. O.; SOARES, C. A. *Por uma psicologia comunitária como práxis para a libertação*, 2005. Disponível em: <file:///C:/Users/Alice/Downloads/Dialnet-PorUmaPsicologiaComunitariaComoPraxisDeLibertacao-5161531.pdf> Acessado em: 02 de novembro de 2016.

PRADO, M. A. M. *A Psicologia Comunitária nas Américas: o Individualismo, o Comunitarismo e a Exclusão do Político*, 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/prc/v15n1/a21v15n1.pdf> Acessado em: 20 de novembro de 2016.

RAMOS, C.; CARVALHO, J.E.C. *Espaço e subjetividade: formação e intervenção em psicologia comunitária*. *Psicologia & Sociedade*, v. 20, n. 2, p. 174-180, 2008.

SILVA, M. V.; PAIVA, D. L. O.; MIRANDA, S. F. *Uso de oficinas como método de intervenção em grupos comunitários*, 2004. Disponível em: <https://www.ufmg.br/congrext/Trabalho/Trabalho26.pdf> Acessado em: 31 de maio de 2017.

SINGER, P. *Economia Solidária*, 2008. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142008000100020 Acessado em: 19 de março de 2017.

VERONESE, M. V.; GUARESCHI, P. *Possibilidades solidárias e emancipatórias no trabalho: campo fértil para a crítica da Psicologia Social Crítica*, 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/psoc/v17n2/27045.pdf> Acessado em: 15 de outubro de 2016.

EFFGEN, A. P. S.; JESUS, D. M; VIEIRA, A. B. *Pesquisa-Ação Colaborativo-Crítica: em busca de uma epistemologia*. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/45742> Acessado em: 12 de março de 2017.

MORIN, E. *Da necessidade do pensamento complexo*. MARTINS, J. M; SILVA, F. M (Org.). Para pensar o século XXI: Tecnologias do imaginário e Cibercultura, 2003. Disponível em: https://books.google.com.br/books?id=8ol_RdWd6wC&printsec=frontcover&dq=para+navegar+no+seculo+21&hl=ptBR&sa=X&ved=0ahUKEwiU0Yvau7HUAhWII5AKHWwOCv0Q6AEIJzAA#v=onepage&q=para%20navegar%20no%20seculo%2021&f=false Acessado em: 09 de junho de 2017.

POLLAK, M. *Memória e identidade social*. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, vol.5. n.10. 1992. p. 200-212.